

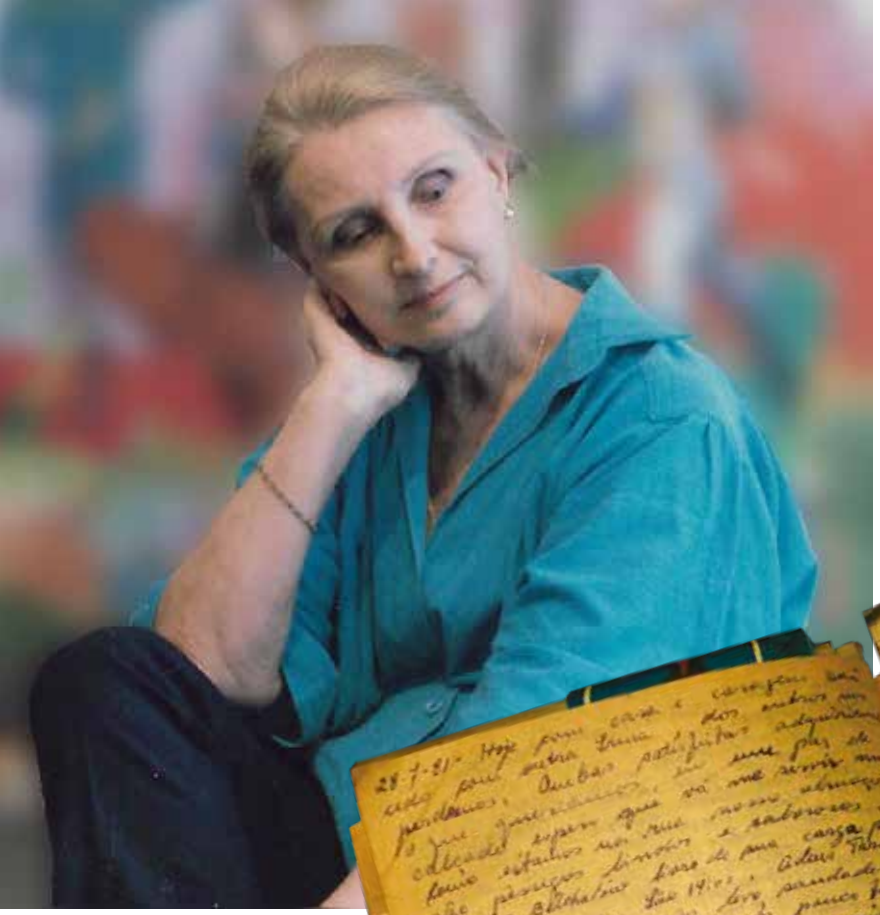
MusA

MUSEU DE ARTE da UFPR

Irena Palulis

humanidade, natureza, cosmos

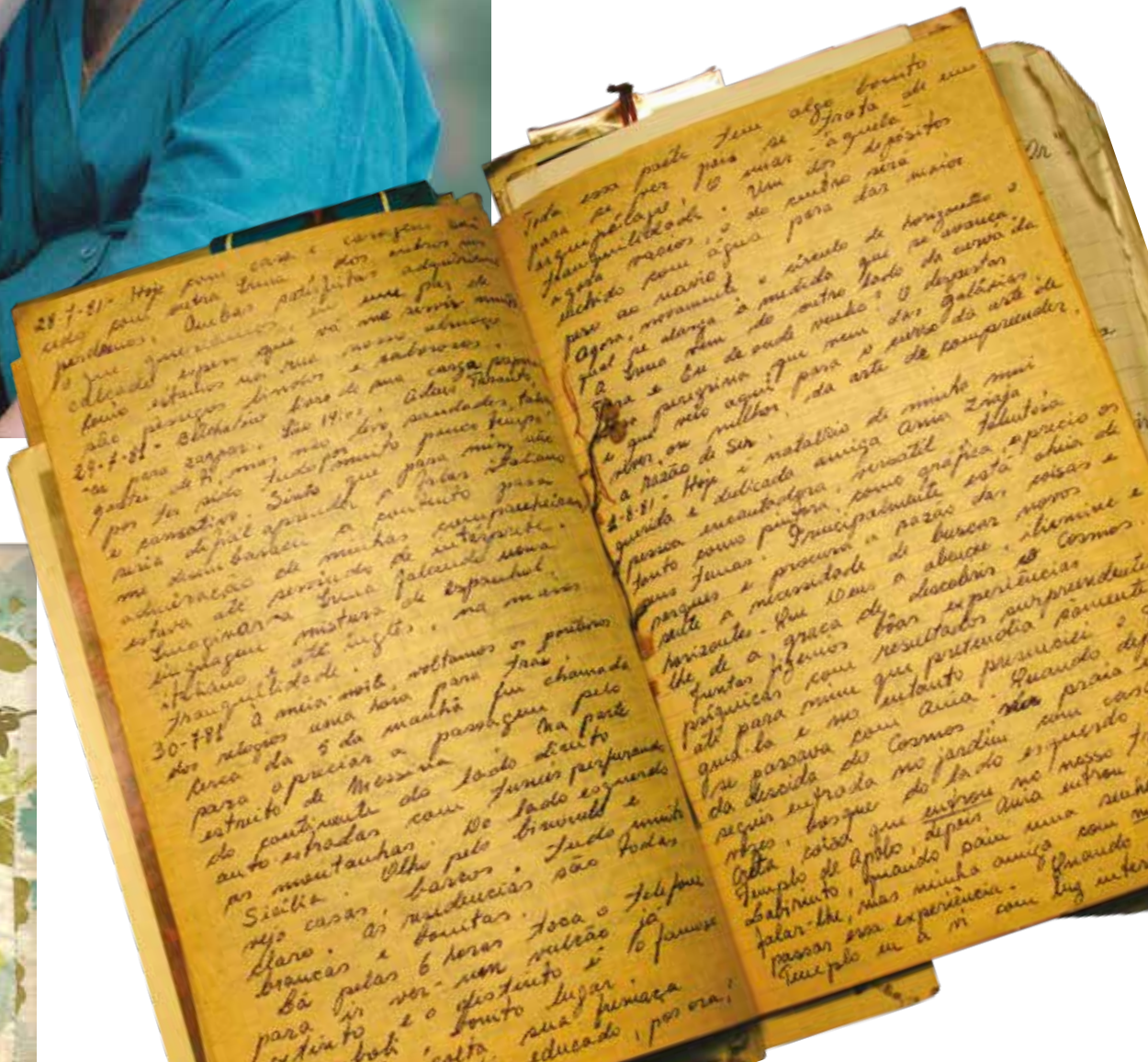
27 de Agosto a 26 de Outubro de 2018



Irene Palulis. Polônia, 1988.

Créditos da obra de capa: Rumo ao futuro, 1987
Nanquim e aquarela s/ papel
55 x 44 cm
Série O Jogo da Vida





Irena Palulis

humanidade, natureza, cosmos

27 de Agosto a 26 de Outubro de 2018

Esta exposição começou a nascer há uns três anos atrás, quando Ivi Belmonte, neta de Irene Palulis[1], valendo-se exatamente de um passado vivido com ela, de memórias, cartas, fotografias, encarou o desafio de realizar cautelosa pesquisa sobre a obra da artista. O objetivo: dar ampla visibilidade à produção tão extensa de Irene Palulis, que conta com um rico acervo de gravuras, desenhos, pinturas, inclusive com obras premiadas; bem como, com a ajuda de documentos guardados pela avó, de estudos no campo da sociologia, da história e da crítica da arte, fazer justiça à sua contribuição na produção artística de seu tempo. Adalice de Araújo[2] lhe faz justiça e, em suas pesquisas sobre significativo número de artistas do cenário das artes plásticas no Paraná, inclui extenso verbete sobre Palulis, destacando suas principais exposições individuais e coletivas, viagens e premiações.

A pesquisa de Ivi contempla boa parte da trajetória de Palulis, particularmente os anos 1970, 80, 90 e 2000, os diários de viagens e anotações de aula, que a artista mantém em seu atelier, um pequeno apartamento situado no bairro Água-Verde, que tive o privilégio de conhecer.







1 "Irene Palulis" é o nome de batismo da artista. No entanto, ela gosta de ser chamada pelo nome "Irena", tal como o faziam quando esteve na Polônia. Os curadores desta exposição procuraram respeitar essa preferência e a intitularam utilizando o nome "Irena". No entanto, ao longo deste texto explicativo é utilizado seu nome de batismo e, a título de citação, seu nome de casada, que é atualmente seu nome oficial: Irene Belmonte. Durante os primeiros anos de sua carreira artística, Irene "experimentou" diversos nomes artísticos, tais como Irene Belmonte, Irene Belmonte Palulis, Luska... até que se decidiu por "Palulis".

2 ARAUJO, Adalice Maria de. *Dicionário das Artes Plásticas no Paraná*. Curitiba: Edição do Autor, 2006. Vol. 1. Síntese da história da arte no Paraná (da Pré-História até 1980). Verbetes de A a C.

A obra de Irene Palulis é um convite. Há muito mais para se ver e descobrir do que se imagina em cada detalhe. Sua arte pretende por vezes passar uma mensagem singela ou solene, por vezes parece querer provocar o outro insinuando algum segredo, por vezes escancara uma simplicidade quase inadmissível, que é, no entanto, alcançada somente por alguém com domínio técnico e síntese poética. Essa mulher, artista, paranaense, que nadou contra a corrente das expectativas e tabus, dedicando-se por tantas décadas ao estudo da arte, ganha a retrospectiva: "Irena Paulis: humanidade, natureza, cosmos" no Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná. Assim, fazendo com que seu trabalho esteja ao alcance do olhar e do conhecimento do grande público, rende-se uma justa homenagem à artista, que chegou à sua nonagésima década de vida.

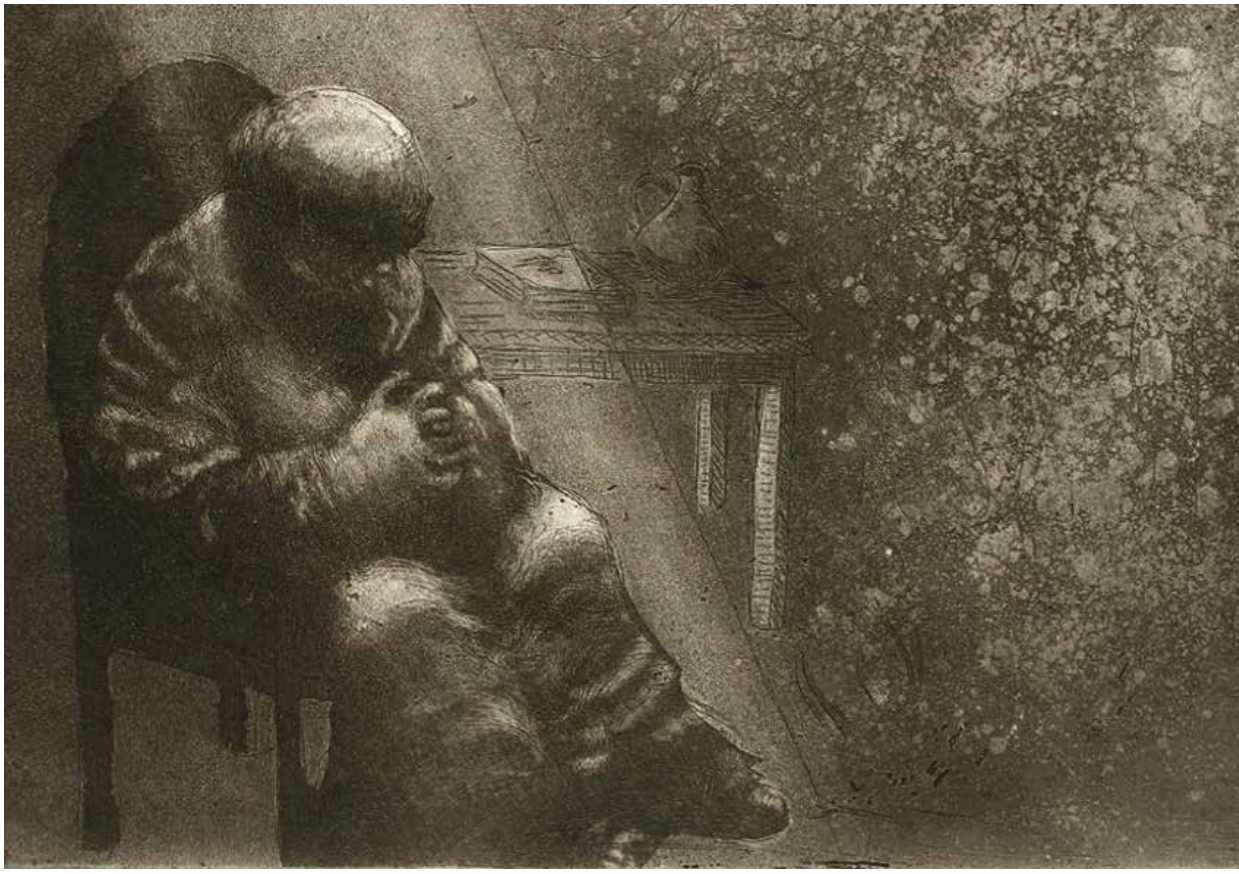
Irene Palulis nasceu em Curitiba, em 1927, filha de um casal de imigrantes poloneses. Estudou desenho e pintura com artistas como Oswald Lopes e Guido Viaro na década de 30 e 40. Casou-se no ano de 1951, passando a dedicar-se principalmente à família. No entanto, avessa ao papel de esposa e mãe tal como era imposto às mulheres na época, retomou seus estudos artísticos como atividade principal no início da década de 70, à qual se dedicaria apaixonada e incansavelmente até hoje. Formou-se em ateliês livres de Curitiba, a exemplo do Atelier Alfredo Andersen, recebeu aulas de Luiz Carlos de Andrade Lima, Fernando Ikoma, Violeta Franco, Suzana Lobo, Heliana Grudzien, Léa Nancy Sprenger. Dialogou com os movimentos artísticos paranaenses. Estudou na Academia de Belas Artes de Varsóvia durante três anos, onde conheceu a arte de Halina Chrostowska, Jacek Dyrzynski, Marzanna Wróblewska, Anna Ziaja e Giorgio Salardi. Mas Palulis sempre expressou um traço e personalidade artística próprios, com uma busca interior que a movimentava a viajar pelo mundo e a desenvolver-se espiritualmente e que dava o tom a seus trabalhos.

Com a dedicação e disciplina da educação ascética que herdou de seus pais, e sua firme determinação, Irene Palulis, na década de 70, preencheu cadernos e mais cadernos de estudos e realizou suas primeiras exposições. Suas gravuras, à época, revelam um olhar humano e crítico sobre as mazelas da vida, quase a se perguntar: por que tanta dor?



Detalhe de uma gravura que ilustrou o convite para a exposição Irene Belmonte: gravuras e pinturas, realizada em 1979, no Museu Alfredo Andersen, à época, Escola de Artes Alfredo Andersen.

A bordo do navio Turoszów, em 1980, viajou pela primeira vez à Polônia, terra de seus ancestrais, onde fez uma residência artística em artes gráficas, “graças a uma bolsa de estudos que ganhou daquele país”. Entre seus cadernos de esboços e estudos, alguns estão repletos de registros de suas viagens, como essa à Polônia.



Medytacja, déc. de 1980
Gravura em metal
24 x 34 cm

A década de 80 é para Palulis um período especialmente produtivo, principalmente de construção de si como artista profissional, do que são testemunhas as diversas versões de seu currículo, que a artista ia completando e aprimorando a cada ano. A insatisfação e inquietação desafiavam Palulis a sempre querer mais de sua arte.

Quero partir para nova etapa na arte pois quero algo maior e que fale mais e mostre outras dimensões. Não sei como será isso, mas vou chegar lá...[3]

3 BELMONTE, Irene Palulis. *Diário pessoal*. Diversos locais, anos 80 e 90.

A relação de sua arte com sua espiritualidade estreita-se de forma que não é mais possível separar sua pesquisa artística de sua busca espiritual. Sua arte expressa uma sede por conhecimento e compreensão do mundo suprassensível, tal como uma filosofia que ia tecendo. Concebe a experiência estética como contemplação e comunhão. As cores de sua paleta passam não só a querer expressar energias sutis, etéreas, como a transmutar-se em energia, a ser a própria energia...

É a imaginação que vai abrir o portal...[4]



Sem título, déc. de 80
Nanquim e aquarela s/ papel
38 x 28 cm

[4] BELMONTE, Irene Palulis. Entrevista concedida a Ivi Belmonte. Curitiba, 2017.

Entre as expressões mais emblemáticas dessa busca alquímica está a coleção “O Jogo da Vida”. Os símbolos constantes e decodificáveis: o velho sábio e o tabuleiro de xadrez, a que um tracejado vigoroso dá vida, carregam mensagens ocultas, nos ensinando, como diz Suzana Lobo, “outros caminhos, de mundos não percebidos”, nos falam “da matéria inorgânica, da energia em suas diversas formas”[5].

Palulis, a partir dos anos 90, dedica-se ao gênero abstrato, numa atitude de experimentalismo crescente, e abre novas veredas técnicas, estéticas e poéticas nos seus estudos artísticos. Parece decidir viver na própria mutabilidade da vida.

Seu encontro com a técnica da gravura Monoprint proporcionou-lhe um caminho de síntese técnica e poética, no qual a mutabilidade, as crises, as antíteses e as sínteses, da vida e da arte, podiam ser encontradas em seu próprio fazer: uma mistura singular de Monoprint, com desenhos a nanquim, giz, lápis, entre outros, pinturas em aquarela, acrílica, stêncil etc, e, em diversas casos, colagens. A artista apropria-se cada vez mais desse fazer singular, passando inclusive, num determinado momento, a batizá-lo de “técnica própria”.



Sem título, 1999
Monoprint
70 x 50 cm

[5] LOBO, Suzana. Texto crítico escrito à época da exposição “O Jogo da Vida” na galeria Esculturart, em Curitiba, 1986. Documento do acervo de Irene Palulis.

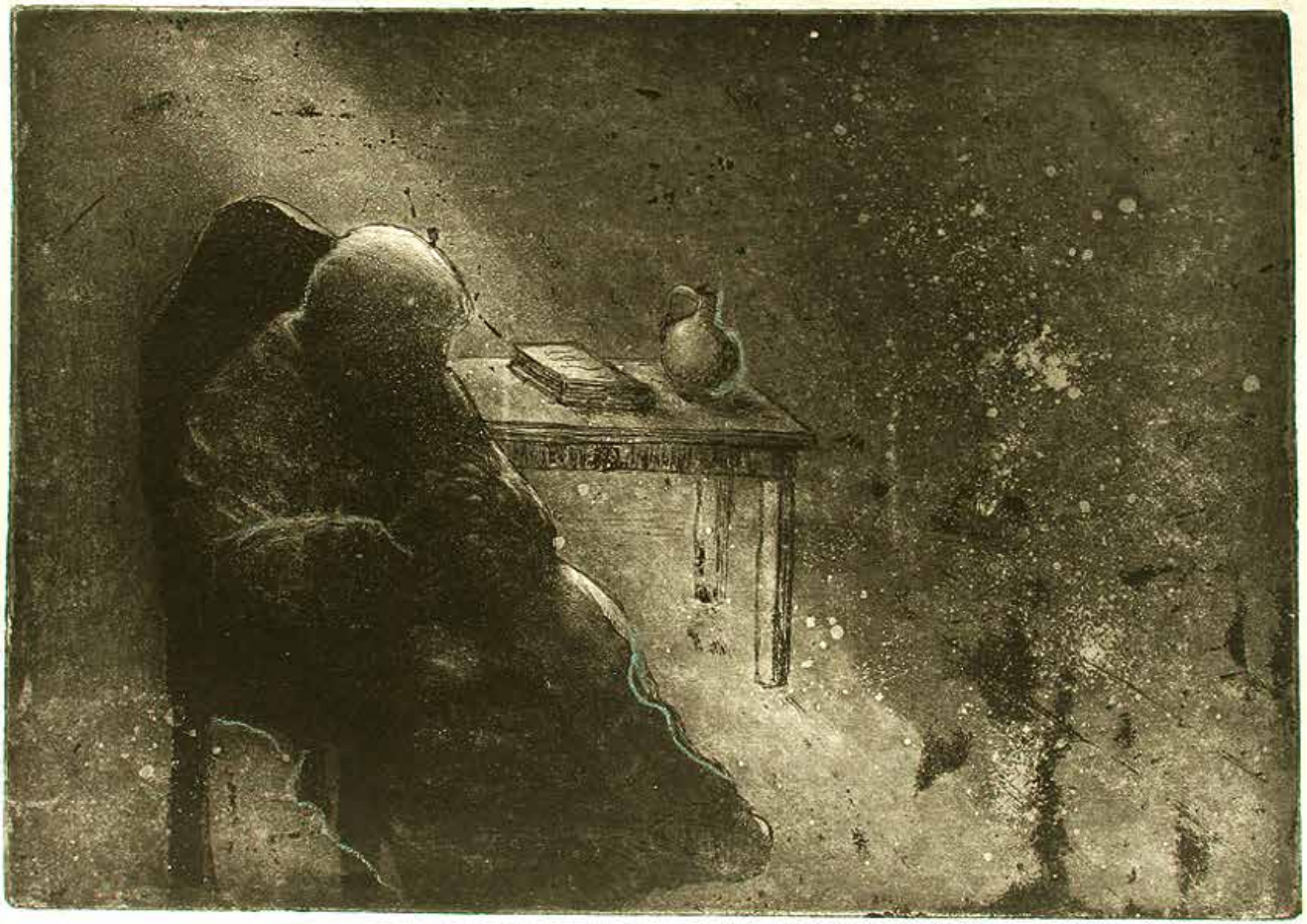
Hoje, ainda que não mais desenhe e pinte, Palulis vive arte 24 horas por dia, pois seu olhar resiste e se dirige a tudo à sua volta: desde às cores do céu aos objetos do cotidiano, que lhes despertam atento interesse.

Em uma visita de Ivi à Palulis, conforme ela me relatou, a avó insistiu-lhe que aceitasse uma caixa de lápis de cor. Explicou à neta com afinco que, com eles, poderia estudar como funcionavam as cores, como fazer sombra e luminosidade. E ia explicando isso enquanto indicava as diferentes tonalidades que havia na caixa, tocando devagar os lápis, com mãos que sabiam muito e com a delicadeza de quem conhece o material.

Ivi lembrou também que deu à avó uma pequena flor de buganvília roxa. Palulis ficou hipnotizada por aquele roxo e por aquelas formas, e não conseguia prestar atenção em mais nada, nem comentar nenhuma outra coisa a não ser: “Nossa, mas que cor bonita! E olha o formato das pétalas, são três triângulos que se unem! A natureza não tem preguiça, né?”. E continuou contando:

> *Eu não era presa a nada... Só estava sempre ligada em observar a natureza. Aonde eu ia, sempre estava observando. E... sempre vendo diferença. Ficava olhando até a cor do céu. Daí eu reparei que conforme a região, o azul é diferente. Aqui o azul é forte... Se você está naquele lado do Japão, o azul é diferente. Então depende da posição da gente, do lugar do planeta, para você ver a diferença. Eu fui sempre de observar, sempre de olho em tudo*[5]*...*
>
> *Consuelo Schlichta*

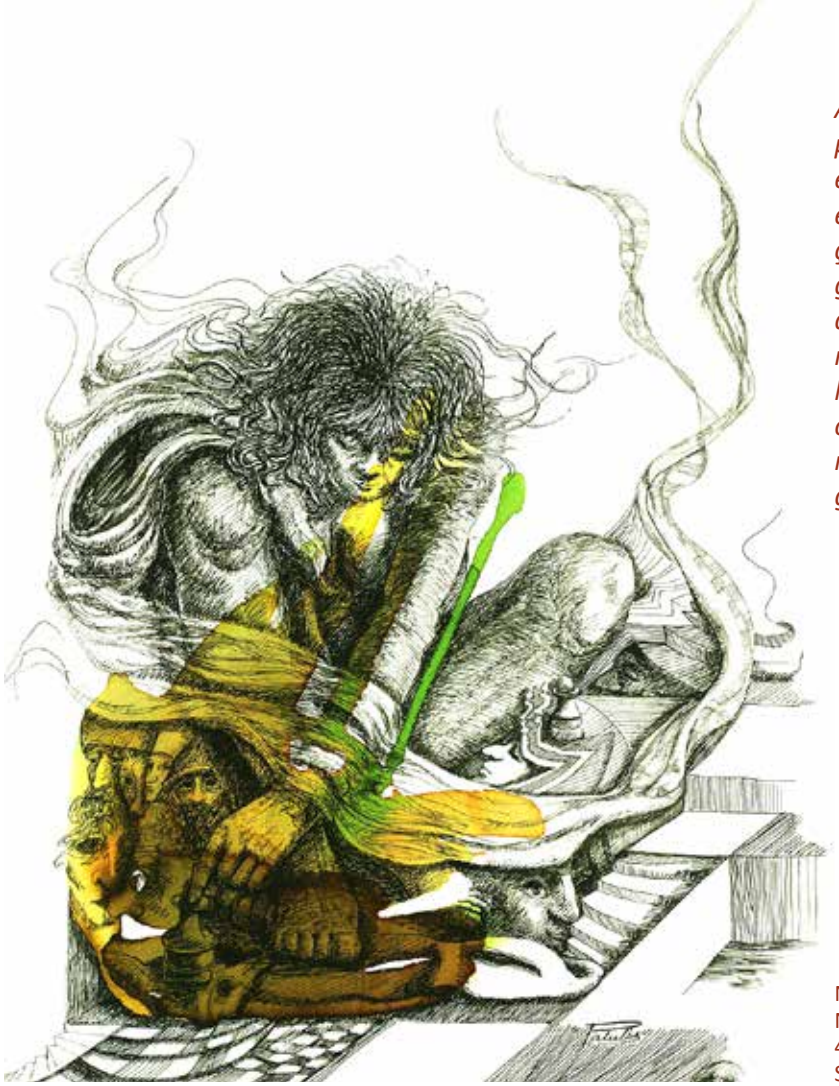
[6] BELMONTE, Irene Palulis. Entrevista concedida a Ivi Belmonte. Curitiba, 2017.



Medytacja, 1980
Gravura em metal
30 x 37 cm



Contas, 1986
Nanquim e aquarela s/ papel
48 x 58 cm
Série O Jogo da Vida



A arte de Irena se advinha, esquadrinha, revira-se de ponta-cabeça, descobre-se lentamente por ângulos e intuições, transformações súbitas de um manto em formas espectrais, duendes, seres míticos, espaços povoados, interpenetrados, em interminável sugestão de descobertas. Faz-se mosaico de elementos de uma ordem sobrenatural do mundo, de conteúdo mágico, simbólico, evocativo. São mundos paralelos que se tocam em silenciosa confraria. Abrindo os portões do tempo, recobertos de musgo, poeira, rumores, fragmentos de instantes, multidões, voragens".[7]

Na jogada, 1987
Nanquim e aquarela s/ papel
46 x 33 cm
Série O Jogo da Vida

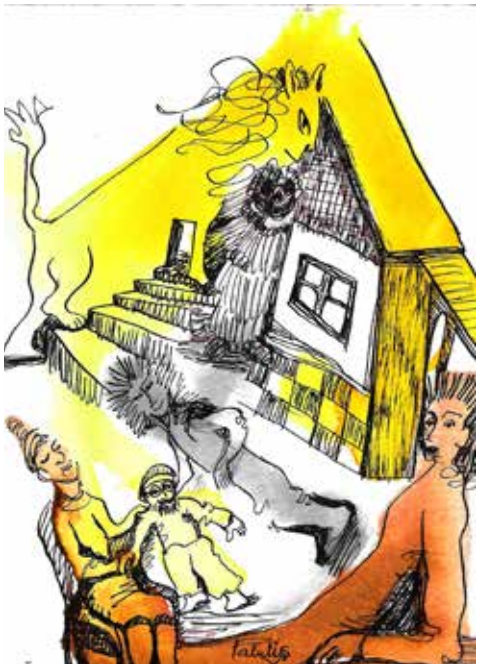
Eis a forma, como vai dizendo Sheila Souza, de Palulis "religar-se com o Absoluto, no sentido genuíno do ser religioso, de buscar o remoto, portador das causas da existência. De entrar na memória da natureza e conversar com épocas e personagens em códigos de afinidades recíprocas".[8]

7 SOUZA, Sheila. Texto crítico da jornalista, à época da exposição "O jogo da Vida" na Associação de Cultura Franco-Brasileira, Rio de Janeiro, 1986. Documento do acervo de Irene Palulis.
8 Ibid.

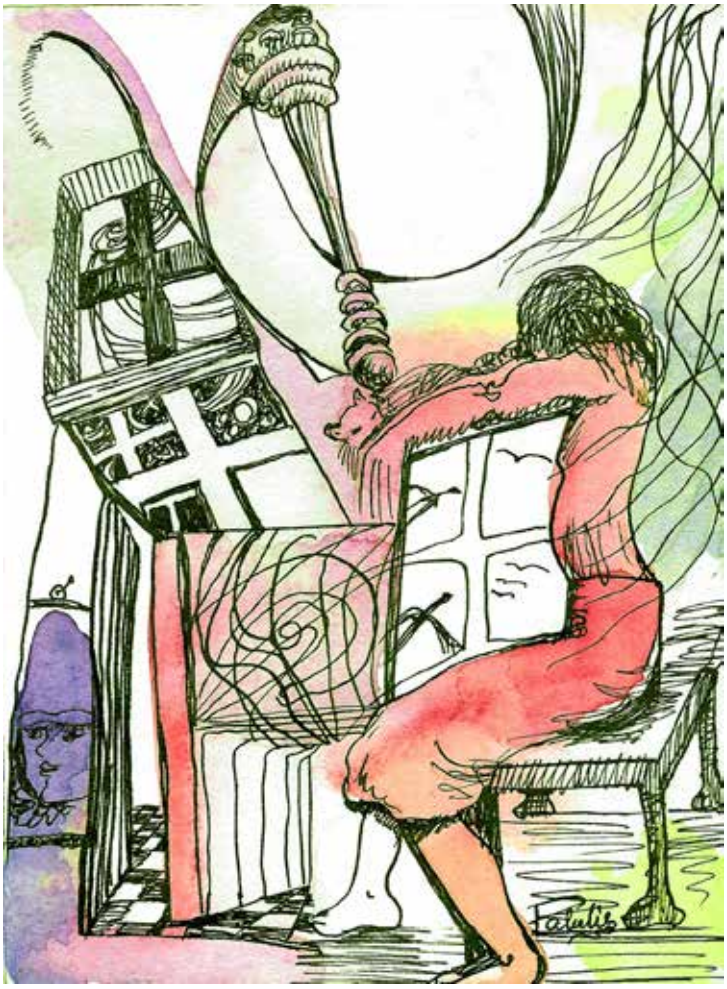




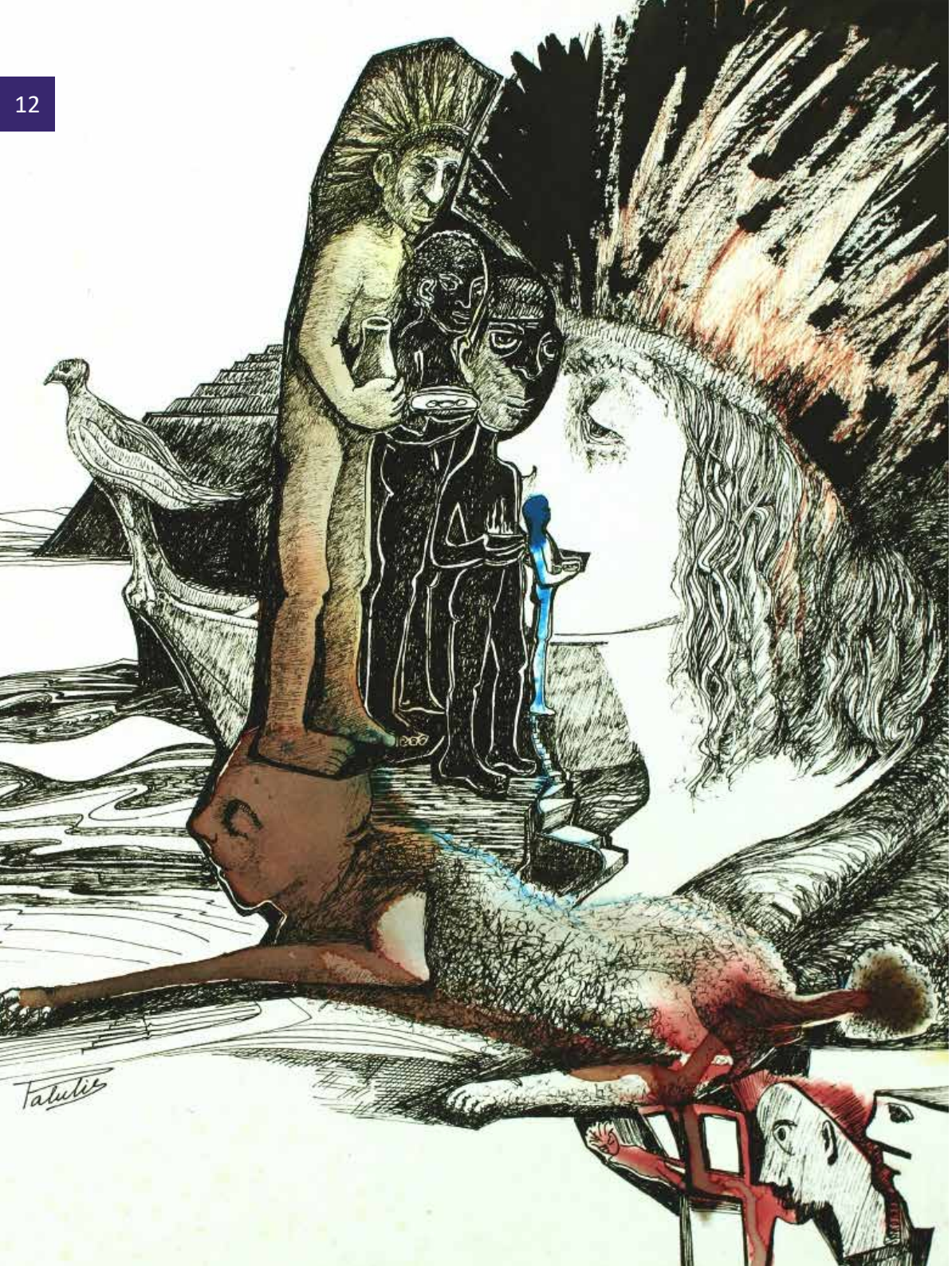




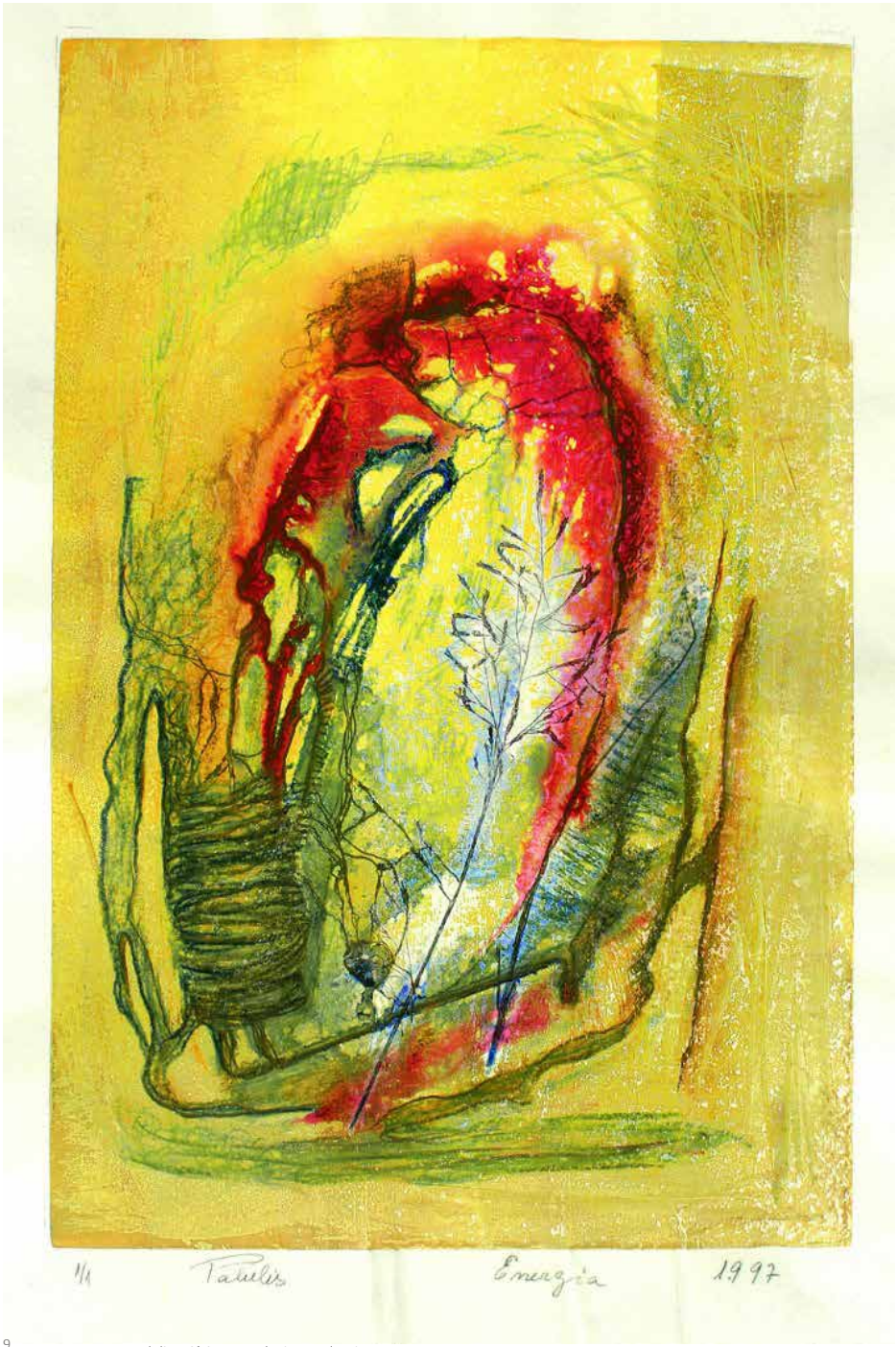




Coleção Arte Postal, 1990 a 2000
Nanquim e aquarela s/ papel
Formatos variados



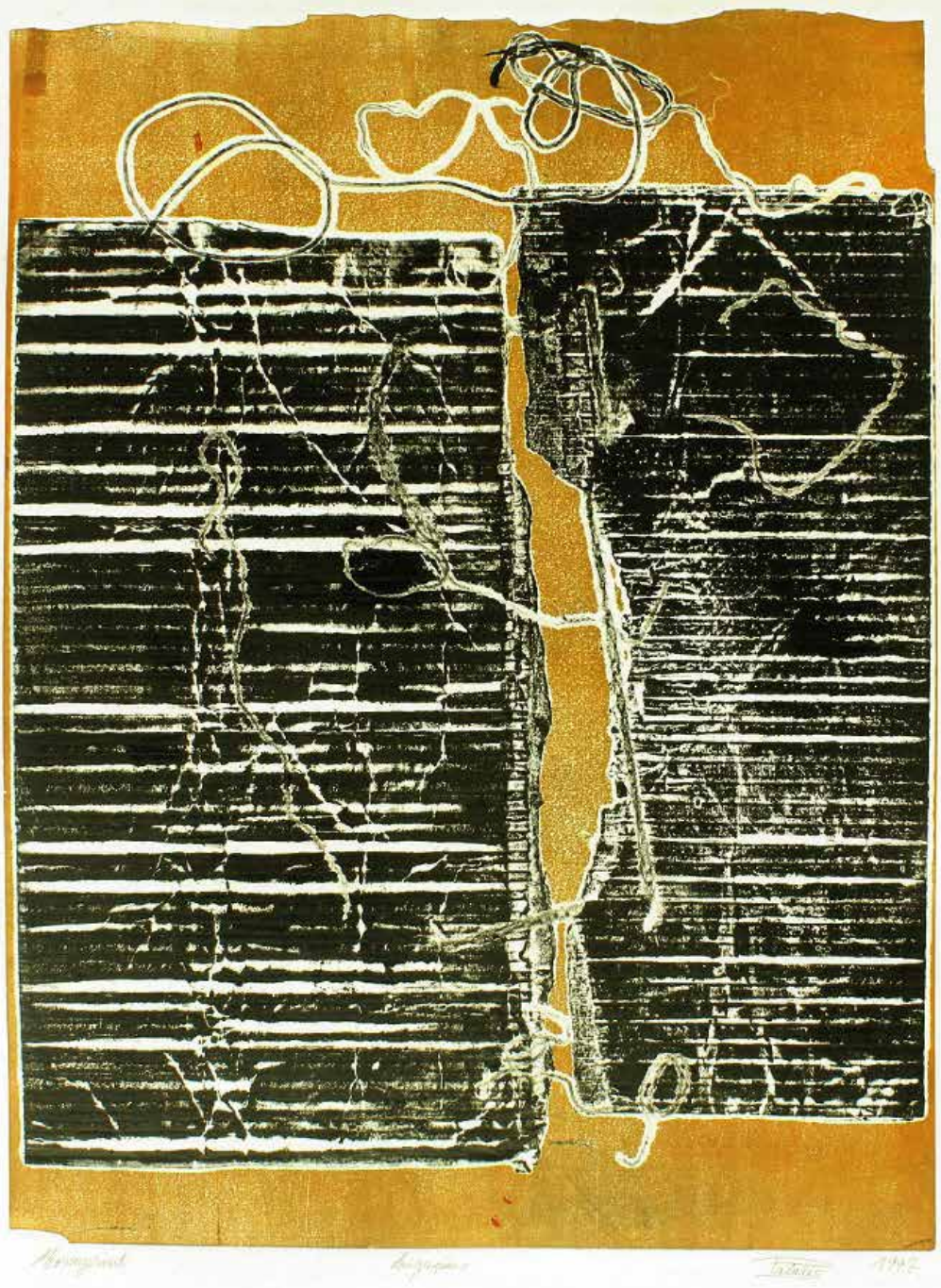
Sem título, déc. de 1980
Nanquim e aquarela s/ papel
31 x 24 cm



E sei do microcosmo à minha volta, em tantas áreas quantas se quiser, Eu mesma sou um laboratório químico, físico-elétrico, galáxias de elétrons em atividade, movidos por uma força que se chama vida. E eu olho para tudo isso e sei que, no momento que eu souber do meu lugar, o estarei deixando, porque estarei dando início à nova busca e sei que isso vai ao infinito porque infinita eu sou. A visão que se tem é algo tão fantástico e... tão rápido... que pode fugir ao entendimento, devagar para captar a essência, a síntese. [9]

Energia, 1997
Monoprint e aquarela s/ papel
55 x 44 cm

9 BELMONTE, Irene Palulis. ***Diário pessoal.*** Diversos locais, anos 80 e 90.



A pintura abstrata de irene Palulis é fiel a uma construção e destruição de imagens sobre a tela. (...) Como quem rastreia e funde formas espontâneas, metamorfoseando-as em plenitude visual, a artista transfere ao desenho sensações e fatos que habitam a sua vida interior, algo gestual-lírico-luminoso. (...) Sem onde ancorar-se, a artista apenas desloca-se e fica sujeita ao jugo do resultado, que surge da separação e unificação de todos os elementos do desenho, e nos convida para um passeio de reflexão, roteiro este que ao mesmo tempo que nos une, nos fragmenta.[10]

Ligações, 1997
Monoprint
66 x 48 cm

[10] GRUDZIEN, Heliana. Texto crítico. Curitiba, 1995. Documento do acervo de Irene Paulis.

Biografia:

1927 – Nasce em Curitiba a primeira filha do casal Stanislaw e Cecília Palulis.
1943 a 1945 – Estuda desenho e pintura com Guido Viaro.
1949 – Gradua-se em Odontologia pela Universidade Federal do Paraná.
1951 – Casa-se com Miguel Belmonte.
1974 – Primeiras pinturas e cadernos de estudos.
1975 a 1976 – Estuda desenho com Fernando Ikoma.
1975 a 1980 – Estuda desenho e pintura com Luiz Carlos de Andrade Lima na Escola de Arte Alfredo Andersen.
1978 – Participa de uma primeira exposição, a "Exposição dos 8", em Curitiba.
1979 – Cursa História da Arte na Escola de Arte Alfredo Andersen.
1979 – Realiza sua primeira exposição individual: "Irene Belmonte: gravuras e pinturas", no Museu Alfredo Andersen.
1980 a 1981 – Primeira viagem à Polônia. Cursa gravura com Halina Chrostowska, entre outros cursos, como bolsista na Academia de Belas Artes de Varsóvia.
1981 a 1986 – Estuda criatividade e composição com Suzana Lobo.
1982 – Participa do IV Salão Paranaense de Desenho, em Curitiba.
1983 – Realiza exposição individual no Museu Guido Viaro. Recebe menção honrosa no 1º Encontro Rosacruz de Arte, em Curitiba.
1983 e 1984 – Participa do XVIII e XIX Salão de Artes da Primavera, em Curitiba.
1985 – Participa de duas exposições coletivas no Museu Guido Viaro.
1986 – Participa da exposição coletiva "Arte Contemporânea", no MAC, Curitiba. Ganha medalha de prata na I Mostra Rosacruz de Arte. Realiza duas exposições individuais da série "O Jogo da Vida", em Curitiba e no Rio de Janeiro.
1987 a 1989 – Retorna à Academia de Belas Artes de Varsóvia e frequenta os cursos: Pintura, Artes Visuais e Técnicas em Pintura com Magiag, Jacek Dyrzynski e Mazanna Wróblewska, respectivamente.
1989 – Realiza duas exposições individuais, em Varsóvia e Cracóvia e participa de duas exposições coletivas, nas mesmas cidades.
1989 – De volta à Curitiba, participa da exposição coletiva "Nu como tema", no Museu Guido Viaro.
1990 – Recebe menção honrosa da III Mostra Rosacruz de Arte. Estuda pintura com Heliana Grudzien.
1991 – Participa da exposição coletiva "Braspol", em Curitiba, cujos trabalhos são expostos em Varsóvia e Cracóvia no ano seguinte.
1992 – Participa de exposições coletivas: com o Grupo Nova Dimensão; na Faculdade SPEI; na Galeria Krieger; e na Biblioteca Pública do Paraná, esta intitulada "Arte e poesia".
1993 – Participa da exposição coletiva "Viaro: Reflexos na Arte Paranaense", no Museu Guido Viaro, Curitiba. Realiza exposição semi-individual na Associação Banespa, em Santo Amaro, São Paulo.
1995 – Estuda Monoprint com Léa Nancy Sprenger. Participa de exposição coletiva no Museu da Prefeitura de Irati, Paraná; de exposição coletiva no Museu Alfredo Andersen, em Curitiba; e de exposição coletiva de Arte Postal, em Jundiaí, São Paulo.
1996 – Participa de exposição coletiva de Minigravuras em Lódz, Polônia. Participa de exposição coletiva de Arte Postal em Bucareste, Hungria.
1996 a meados dos anos 2000 – Trabalha como intérprete e tradutora da Língua Polonesa para o Português.
1997 – Participa de exposição coletiva na Casa da Cultura de Campo Largo, Paraná.
1999 – Realiza exposição semi-individual na Secretaria da Cultura de Araucária, Paraná.
2016 – Início do Projeto Irene Palulis, cujos trabalhos de pesquisa deram origem a esta exposição.

Créditos da exposição e agradecimentos:

Curadoria: Consuelo Schlichta, Heliana Grudzien, Ivi Belmonte

Nossa gratidão à Heliana Grudzien, pelo olhar sensível na escolha das obras mais significativas da produção de Irene Paulis.

Ao Luís Carlos dos Santos e à Tânia Bloomfield, por acreditarem nesse projeto e aceitarem o desafio de realizar as filmagens no atelier da artista e as entrevistas, em noite de sábado e de temporal.

Aos alunos que participam dos projetos Arte em Vídeo e O Artista na Universidade, da Universidade Federal do Paraná, sob coordenação e orientação de Luís Carlos dos Santos e Tânia Bloomfield, e que, com vigor, conhecimento e domínio técnico próprios da juventude, executaram a decupagem das cenas do filme: Bianca Grabaski Accioly, Giovana Mendes Pupo, Maria Eduarda Almeida, Marina Persegani e Matheus Nakad Marrez.

Um viva especial ao Douglas Lopes Alves de Souza, que acompanhou Luís e Tânia nas filmagens das entrevistas, prestando-lhes muita ajuda.

À Julia Padula e Fabiola Hunter, que prestaram socorro com as imagens deste catálogo.

À Anna Ziaja, que generosamente gravou uma mensagem à Irene Palulis, a quem conhece desde os anos 80, e nos enviou lá da Polônia. E à Agnieszka Kredracka que traduziu a mensagem para o português.

À família Belmonte, que gentilmente abriu seus arquivos e ofereceu suas lembranças, desde as mais bonitas às mais doloridas, para que a pesquisa pudesse ser feita.

Ao João John, que foi com Ivi ao primeiro encontro com Consuelo. Sem ele nada disso teria acontecido.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Reitor: Ricardo Marcelo da Fonseca
Vice-Reitora: Graciela Bolzón de Muniz
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Leandro Franklin Gorsdorf
Coordenadora de Cultura: Claudia Madruga Cunha

MUSEU DE ARTE DA UFPR
Lidiane do Nascimento Silva - Museóloga
Ronaldo Santos Carlos - Produtor Cultural
Deise Colucci - Assistente em Administração
Guadalupe Ap. Venâncio Boesing - Recepcionista

Design Gráfico - Wilson M. Voitena - UNIGRAF/PROEC



MusA

MUSEU DE ARTE da UFPR

Rua XV de Novembro nº 695, 1° andar- Centro- Curitiba – PR
(Entrada pela Praça Santos Andrade)
Segunda a sexta-feira das 12h às 18h
Entrada gratuita
musa@ufpr.br | 41-3310-2603

www.musa.ufpr.br